

Qual sua reação ao se deparar com um filme contando a história de sua comunidade? Será que no primeiro momento você ficará empolgado? Ansioso? Nervoso? Feliz? Pois bem, assim os moradores da comunidade Cidade de Deus ficaram ao serem abordados para a produção de um filme que retrata a história da comunidade onde moram. Mas, agora, a pergunta que não quer calar: esse filme representa verdadeiramente a nossa história?

- **NÃO!!**
- Mas por que não?
- Porque minha história não começa desta forma, nem foi por conta disso que a minha comunidade foi criada. Antigamente, as coisas não eram desta forma que foi relatada neste filme. Tia, minha avó me contou que isso tudo aqui nem existia. Depois de vivermos em abrigos, devido à "grande chuva" que aconteceu em 1963, e dos desabamentos em vários morros, como Morro do Pinto; foi daí que minha família veio. Fomos realocados para abrigos e, no final, construíram barracões. Assim surgiu a Cidade de Deus.

Assim foi o início de uma roda de conversa na ONG Centro Educacional Criança Futuro e Adolescência, com crianças que se dirigiam à ONG, após as aulas, para participar de atividades extras. Um dia após a estreia do filme nos cinemas, no ano de 2012, os jovens chegam com essa frustração e indignação. Logo, o espaço e as oportunidades foram abertos para os voluntários entrarem com as perguntas.

- Mas você, Ana, tem esse relato de sua avó? (fala do voluntário)
- E agora, eu pergunto a todos vocês, o que estão sentindo neste momento? (fala do voluntário)

- Raiva. (Responderam todos)

- Mas como diremos que o que vimos nos filmes não está certo, se vocês não conhecerem sua verdadeira história! (Fala do voluntário).

A turma para, reflete e se questiona. Afinal, nem todos conhecem a sua verdadeira história.

Assim inicia o projeto **Recontart** (Recontando a história da Cidade de Deus com Arte).

O maior discurso é que o filme trouxe benefícios para a comunidade e uma visibilidade, mas a pergunta que ficou sem resposta foi:

Essa é a visibilidade que queremos? É assim que queremos que o mundo conheça nossa comunidade? E os moradores são sempre adeptos a "realidade" imposta pelas mídias?

Não. Morador de comunidade é trabalhador. Morador de comunidade tem dignidade. Morador de comunidade tem a cabeça erguida, precisa ter a cabeça erguida, enfrentar os nãos, enfrentar os rótulos que nos cercam.

Moradores de comunidade: quem são eles? Por que não se mudam? Por que aceitam ser tratados e rotulados desta forma? Por quê?

Agora, esses mesmos jovens, com esses questionamentos saem para conhecer pessoas que vieram para a Cidade de Deus quando criança. Pessoas que presenciaram suas casas sendo levadas pela chuva, pelo desmoronamento, perdendo filhos, irmãos, e agora precisam recomeçar. E dentro desta dor, dentro da perda se veem em abrigos improvisados, no Maracanã, e o decreto do governo para remoção destas pessoas para umas casas improvisadas, até suas parcerias construírem moradias para eles. E assim começa a história da Cidade de Deus, no contraste de uma realidade que juntou morros, juntou vidas, juntou religiões, juntou solidariedade, juntou forças, juntou esperança. (observação de uma voluntária).

Os jovens, seguram seus celulares e começam a traçar um roteiro, com os voluntários.

- Aonde vamos primeiro?

- Quem se habilita a fazer a entrevista? (Taísa)
- Ana, ela é mas desinibida na fala. (Jorge)
- Quem tem um celular bom para filmar? (Estevan)
- Ah, deixa com o Augusto José, ele é bom com o celular e com os aplicativos. (Taísa)
- Mas não dá para fazer sozinho, vou precisar de luz. O João segura o celular próximo, para iluminar o rosto dos entrevistados. (Augusto José)
- Mas para qual casa vamos primeiro? (Élio)
- Gente, vamos entrevistar primeiro a tia Ana, aqui da ONG, depois vamos na casa da tia da costura, e na casa da tia dos kits para as grávidas. (Taísa)
- Certíssima, Taísa. Oh, tia Anaaaaa!!! (Todos gritam).
- Oi! Que gritaria é essa? (Tia Ana se direcionando aos alunos.)
- Tia Ana... (José começa a interrogá-la) como foi sua chegada aqui na Cidade de Deus? Esse nome sempre existiu? Com quantos anos você veio pra cá?
- Você perdeu alguém? (uma jovem no fundo da sala pergunta)
- Oi, calma! (Risos) Uma pergunta de cada vez. Mas já está gravando? Deixe-me primeiro me ajustar, aí você começa a gravar, fazendo uma pergunta por vez e esperando a resposta, tudo com calma. (Respondeu Tia Ana, enquanto se sentava devagar na cadeira, ajeitando o cabelo, olhando fixamente para José.)

Após a entrevista, a turma se dividiu em dois grupos e foram fazer outras entrevistas, registrando cada detalhe, cada passo, fotografando cada ponto que para os alunos era um ponto de cultura na comunidade.

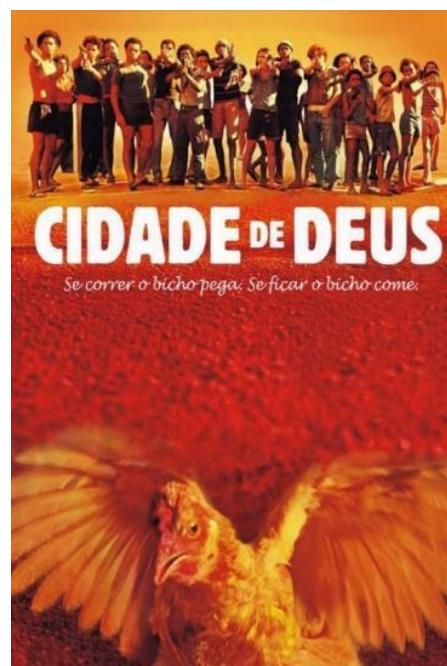
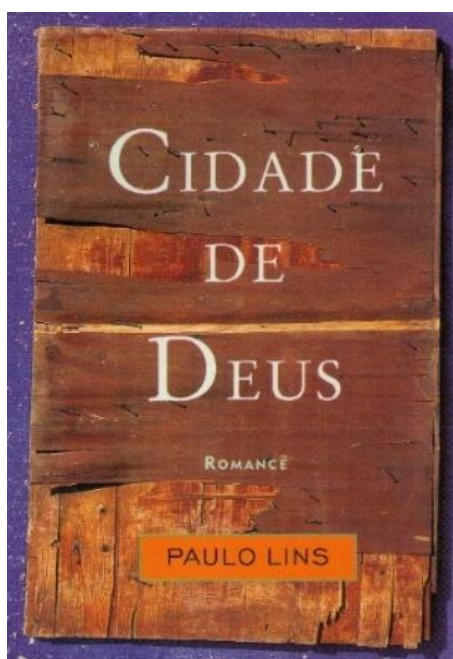
Fazendo uso do celular, de uma caixa de som com bluetooth, em grupo na ONG, os alunos buscavam músicas para a trilha sonora das apresentações.

Assim, começo o mapeamento da comunidade e o olhar na lente dos jovens. As entrevistas, as fotos, as descobertas, os brilhos nos olhares, os nós nas gargantas ao ouvir as histórias sendo atravessadas por eles. Como

não se impactar? E olhando para jovens, determinados em contar essas histórias para outros jovens, nas escolas, nos eventos e deixar registro e legado desses para os que não conheciam sua comunidade.

Posso dizer também que o filme teve como base um livro de romance, mas que ao ser transcrito para a mídia e para ter a “visibilidade e o impacto” que teve, o diretor transformou um romance em um filme de drama e ação. E, para nós, o que nos impulsionou foi conhecer mais da história de onde vivemos, como a comunidade surgiu, as histórias de nossas famílias. Conhecemos? Entendemos? Contamos e recontamos essas histórias de lutas e resistências?

Esses jovens, ao se unirem com o auxílio de pessoas que também se encantaram em conhecer suas origens, pesquisaram, filmaram, montaram figurinos, montaram cenários, e apresentaram seus frutos, e obtiveram também quadros criados por eles com o tema: Jovem Patrimônio Cultural. Expondo a peça e as fotos nos quadros criados por eles e repassando o conhecimento adquirido com esse, que se tornou o meu maior projeto, fica a minha certeza de que eu também faço parte desta história, me impulsionando por amor à educação, que transforma, muda, remuda e renova.





Ensaio - Arquivo pessoal da autora.



Apresentação na praça da Cidade de Deus - arquivo pessoal da autora.



Apresentação na escola - arquivo pessoal da autora.

Referências:

LINS, Paulo. Livro: Cidade de Deus. 1997, livro de literatura e fixção, publicado pela editora: Tusquets, disponível para leitura do trecho online [Cidade de Deus - Paulo Lins - PDF, eBook, Ler Online, Download](#)

Meirelles, Fernando, diretor. Montovani, Bráulio roteirista. Lund, Kátia, codireção, 2002 cinema. Disponível nas plataformas de streamer. <https://globoplay.globo.com/cidade-de-deus/t/5vXVkJN1R/>

Sobre a autora:

Marcia de Souza Faria das Chagas é estudante de Pedagogia/Uerj.
